



O Gaiato

18 DE AGOSTO DE 1973
ANO XXX — N.º 768 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DOCTRINA

«Não sou rica. Eu e meu marido vivemos do nosso trabalho. Temos 2 filhos, uma rapariga com 17 anos e rapaz com 12. Temos tido grandes crises financeiras que, graças a Deus, vamos vencendo com o nosso trabalho e compreensão mútua. Mesmo nos piores momentos, de desânimo absoluto, quando olho à volta, vejo sempre piores casos que os meus e dou muitas graças a Deus e peço perdão por desânimos que para outros seriam quase razões de alegria.»

(De uma carta)

«Bem-aventurados os que têm espírito de Pobreza!» Deles é o Reino de Deus. Não apenas o Reino que há-de vir em plenitude, a premiar o mérito de cada um; mas o Reino que é já entre nós, ao alcance dos que têm o dom de O descobrir e não se ficam no dom-potencial, antes o cultivam, o actualizam, conformes à opção fundamental que marca para sempre a vida.

Felizes! E raros que são os que olham à volta e vêem sempre piores casos que os seus e dão muitas graças a Deus e pedem perdão para os seus desânimos!

A vulgaridade, quando olha à volta, costuma ver os que estão melhor e prende-se na dor de não ter tanto, de não estar tão bem. Cegos voluntários, para quem o ter coincide com o conceito de felicidade;

para quem a posse é meta absoluta dos desejos. Por mais que alcancem nunca experimentarão saciedade. O coração endurecerá na sequência de uma visão da vida totalmente errada. Cegos condutores de cegos, a espalhar a cegueira — até porque, em geral, é esta a mente dos que comandam as sociedades humanas. Felizes destas quando têm à frente um Pobre, um Humilde! Mas é tão raro!...

E, no entanto, partilhar é o verbo da suficiência.

Diz-nos esta nossa correspondente que, antes de se apresentar — «Não sou rica. Eu e meu marido vivemos do nosso trabalho» — começa por perguntar: «Aceitam roupas usadas? Quais os produtos, géneros ou utensílios, ou qualquer outra coisa com que a vossa Obra luta com mais falta?»

Com certeza tenho coisas que considero inúteis, que para outros ainda terão utilidade. Tenho alguns livros de diversos géneros que, se de facto pudessem ser úteis, para mim seria uma grande alegria con-

Cont. na QUARTA página

Vistas de dentro

Quase sempre um casamento na nossa Aldeia proporciona a quem vem de fora uma vista de dentro surpreendente e calorosa. E, geralmente, o testemunho brota, espontâneo e necessário, de pessoas de maior convivência social, habituadas a cerimónias congêneres, tão cheias de mundanismo quão vazias de intimidade e de afecto.

Foi assim no último casamento celebrado na nossa Capela. E mais notável ainda por se tratar de pessoas da terra, que nos têm por vizinhos há trinta anos feitos e afinal não faziam ideia de quem éramos nem de como somos!...

É pena! De quantos preconceitos se fazem os conceitos! E, no entanto, a verdade está à vista, a porta está aberta; e se em alguma coisa somos e queremos continuar negligentes, é no cuidado de parecermos diferente do que somos.

De uma vez era um Ministro em visita informal, mas anunciada — o que o levou a supor, por força da rotina, que teria recepção. Pois enganou-se. Viu-nos de pé descalço, de fralda de fora, cada qual na sua ocupação, como em qualquer dia e em qualquer hora, com ou sem qualquer visitante.

Percorreu casas, quinta e oficinas. Conversou com quem quis. Perguntou o que lhe apeteceu. E, à despedida, disse-nos com um sorriso malicioso, mas inconfundivelmente satisfeito:

Continua na TERCEIRA página

Que graciosa, vista da Casa-Mãe, a primeira casa de habitação da nossa Aldeia!

LOURENÇO MARQUES

Anda atrás de nós um rapaz, já meio homem e batido na cidade, que sofre de poliomielite. Não tem pai nem mãe, ou pelo menos não sabe deles. Não frequentou a escola, não sabe fazer nada e porque é aleijado, ninguém o aceita a trabalhar. Não há instituição

que o receba pela idade que tem. Em nossa Casa não tivemos coragem de o receber porque normalmente casos como este não se adaptam. Vêm criar-nos problemas e acabam por ir-se embora. No seu horizonte humano, ainda acanhado, não há lugar para queixas ou acusações, porque se julga dependente de todos. Onde algo, na sociedade, a evitar que ele venha a ser um marginal ou hostil? Pobre dele para quem só há os calaboiços da Polícia quando prevaricar.

Vem-me à memória, do tempo em que trabalhei em Lisboa, aquele rapaz que foi dar à Prisão-Escola de Leiria por ter assaltado a casa onde o pai vivia comodamente instalado com uma companheira, deixando-o a ele e à mãe na miséria.

Tantas vezes sofremos a nossa impotência para resolver problemas de rapazes que afinal mais não são que um remanescente de muitos problemas de adultos, sobretudo se sem Fé e sem lei ao menos a da consciência. Enquanto não há eficaz repressão à imoralidade desenfreada, enquanto não há uma consciência cívica exigitiva, bem fundamentada em princípios cristãos, os filhos de ninguém são injustamente os únicos atingidos. E nós, mais inclinados à piedade que à justiça, condescendemos em remedeios sociais que atenuam nas consequências mas não extinguem o mal pela raiz.

Tem hoje a mesma validade este enunciado de Pai Américo num Cine-Teatro de S. Paulo há vinte e quatro anos: «A criança, pelo facto de ser injustamente abandonada, é uma

Continua na QUARTA página



PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE COIMBRA

APROVEITAMENTO ESCOLAR — De novo me encontro a escrever para «O Gaiato». Quero dizer-vos alguma coisa sobre o ano escolar que, pelos vistos, já findou para todos. Temos alunos em alguns cursos. Assim no colégio Pedro Nunes tivemos gente em todos os anos, menos no 5º. Todos vencemos, embora alguns o tivessem feito um pouco a custo.

Na Escola Sidónio Pais, nem todos souberam aproveitar o ano. Talvez por falta de estudo.

O NOSSO LAR — Portanto o nosso Lar de Coimbra encontra-se fechado até chegar o novo ano escolar. Os empregados vão e vêm todos os dias no comboio.

Primeiro, porque é uma casa muito grande, e tem capacidade para quarenta rapazes à vontade. Segundo, porque tivemos muito trabalho com ela, e foi a casa que mais nos custou.

FRUTOS BONS — Também o nosso Lar deu mais um dos frutos bons, que foi o nosso Chico Zé.

O Chico Zé fez a instrução primária na nossa Casa de Miranda. Pediu para ir estudar. Foi para Coimbra estudar e aí tirou o 7.º ano do Liceu e o curso do Magistério Primário. Agora está na tropa e é sr. oficial.

O casamento do Chico Zé realizou-se em Coimbra na Igreja da Rainha Santa. Sobre a festa pouco podemos dizer, porque só soube que ele se tinha casado.

Também estivemos muito tempo sem a nossa Senhora. Ausentou-se durante algum tempo para se tratar, porque andava muito doente e cansada. Fez-nos muita falta. Pedimos a Deus que lhe dê muita saúde e coragen.

Zé Domingos

BENGUELA

PAI AMÉRICO — Em Benguela, como certamente também em todas as Casas do Gaiato espalhadas pelo mundo, viveu-se no passado dia 16 de Julho, o dia da morte de Pai Américo, e aniversário de uma nova vida para o alto dos Céus, em Comunhão com o Pai, onde viverá eternamente.

Disso estamos nós cientes, e acreditamos plenamente através da nossa fé.

Pai Américo dizia muitas vezes que a Obra da Rua só começaria a dar testemunho da sua verdade e a sensibilizar o coração dos homens, depois da sua morte.

Pois destes factos agora vemos a sua consistência concretizada, porque a Obra vai crescendo cada vez mais e com pretensões de se espalhar por várias partes do mundo, e como Deus existe e também dela faz parte, toda essa esperança será possível.

Para todos nós cada dia que passa é também uma vida nova que começamos, vida essa que temo-la presa por um fio muito frágil e que pode acabar de um momento para o outro, conforme o chamamento de Deus. Por isso não nos devemos contentar só com essa vida terrena, procedendo até vencer o mal da humanidade. Fazendo o bem, tal como Pai Américo e outros como ele, que passaram por este mesmo mundo deixando rastros que jamais se apagarão no íntimo de todos aqueles que possuem uma sensibilidade consciente e um espírito lúcido, são e esclarecido de fazer o bem. Porque se muita gente soubesse de toda esta miséria acumulada por todas as partes do mundo, de certeza que dela teria escrúpulos...

Com isto não quero fugir de maneira nenhuma ao tema escolhido sobre o aniversário e morte de Pai Américo.

Já se passaram 17 anos e esta data continua e continuará sempre a ser uma realidade no meio desta nossa família que somos todos nós os Gaiatos.

Em Benguela pelo menos este dia foi recordado tal como nunca em tempo algum desde que me encontro aqui a fazer parte desta grande Família.

Desde pequenino que guardei sempre a ânsia de ser crismado, coisa que nunca tive oportunidade, porque os meus pais eram cépticos de religião. Como sempre ouvira dizer que quem espera nunca desespera, pois eu também esperei sem nunca desesperar, e precisamente no dia 16, dia de Pai Américo, encontrei o que tanto esperava. Tendo nesse dia a presença amiga do Senhor D. Armando Anaral dos Santos, bispo de Benguela, que quis partilhar connosco também desta alegria, não só trazendo as suas palavras amigas que comoveram os nossos corações, mas também veio até nós administrar o Sacramento do Santo Crisma, a um grande número de rapazes. Tudo isto veio em nós vincar ainda mais a alegria deste grande dia.

A recepção ao Sr. Bispo foi feita com muita naturalidade tal como se recebe um amigo já entre nós conhecido. Cada um de nós vestiu aquilo que tinha de melhor, e em jeito de procissão encaminhámo-nos em direcção à Capela, cantando e dando graças a Deus por este dia ter sido vivido assim em cheio, que nem parecia segunda-feira.

No final da Santa Missa dirigimo-nos todos para o refeitório onde a alegria foi ainda maior.

Com isto vou terminar e o melhor que temos a fazer é dar graças a Deus para que este dia se repita por muitos e felizes anos.

José Manuel Aleixo

FUTEBOL — Começou há tempos o campeonato de futebol de salão, em que a nossa equipa se encontra na liderança do mesmo, embora prejudicada por alguns árbitros. Mas lá estamos.

Como já tem acontecido nos anos anteriores, tem havido bastantes comentários contra nós, o mesmo burburinho de sempre: «Que não trabalhamos, que só jogamos futebol», etc. É pena que isto aconteça constantemente. Se em vez de levantarem

boatos, nos fizessem uma visita, seria melhor, para acabar com esses burburinhos, que até já cheiram a esturro.

Até quando teremos estes comentários? Será para sempre, ou têm limites?

J. Luis Pinheiro

LOURENÇO MARQUES

Recordo ainda o carinho e a amizade com que era recebido quando era vendedor do nosso jornal. Esse carinho, essa amizade que me eram dispensadas no Rádio Club, nos Seguros Lusitania, na Câmara Municipal de Lourenço Marques, no Montepio, etc.

Tinha eu nessa altura 14 anos. Durou até aos 16 anos. Agora tenho 19, muito perto dos vinte, e recordo como se ainda estivesse na mesma tarefa.

Hoje estou no meu emprego. Passo o tempo praticamente ocupado, visto que estudo à noite. Assim sinto mais de perto as responsabilidades que cabem a cada um de nós para que o amanhã seja melhor que hoje.

Mas, mesmo assim, sinto o mesmo carinho e a mesma amizade, ontem por uns, hoje por outros.

Medito muitas vezes, quando alguém visita a nossa Casa e convive um pouco connosco, em como ficam felizes por terem essa oportunidade. Como ficamos nós ao sabermos que essas pessoas tiram dos seus salários, da sua vida diária, para que a nós não nos falte nada, para que nos possam ver felizes naquilo que nós chamamos, nosso. Mas se formos a ver, se formos analisar, é mais dos que nos ajudam que nosso.

Quantas graças teremos que dar a Deus por haver quem nos queira tão bem como se fôssemos seus filhos.

Sinto imensa admiração pelos jovens que também nos admiram e gostam de nos ajudar fazendo algo e sentindo com o que fazem que ficam muito felizes.

Um exemplo que nos dá mais a perceber o seu orgulho de nos ajudar, são as escuteiras que, acompanhadas das suas chefes, nos dão o seu carinho, a sua alegria e a sua amizade.

Quantas e quantas vezes têm deixado cinemas, e sei lá, tantos outros divertimentos que têm na cidade... Pois deixam isso tudo e vêm até nós para nos dar a entender que há alguém que se preocupa connosco.

José Manuel dos Santos

Paço de Sousa

PEDIDOS — Já há várias quinzenas que, nas colunas deste Jornal, me tenho referido a diversos pedidos, entre os quais LIVROS E DISCOS respectivamente para a nossa biblioteca (ainda em realização) e discoteca, ideia pensada e formulada pelos nossos colegas.

Mais um pedido: desta vez, instrumentos musicais e uma bateria com os seus acessórios. Aqui deixo recomendado, se o leitor tiver algum instrumento arrumado em qualquer sítio e que não lhe faça falta, envie-nos,

assim como livros e discos. Não se esqueçam. Aguardaremos com interesse as vossas encomendas. O mesmo apelo para que não deixem de colaborar na *Campanha dos tempos livres* pois ficaria tudo sem efeito. Não nos deixem afogar a ideia, pois ficaremos muito gratos com a vossa oferta.

PISCINA — Continuam em grande marcha as obras na piscina. A sua inauguração foi realizada no dia 16 de Julho — aniversário da morte do Pai Américo.

Agora, que está quase concluída, deixo um voto de agradecimento a todos que, directa ou indirectamente, colaboraram para que esta obra fosse realizada.

PARQUE — Está em construção um novo parque recreativo junto à piscina. A ideia está a ser orientada pelo nosso Padre Abnaão. Os nossos operários da construção civil estiveram a montar o fontenário que ficará como início da ornamentação do desejável parque.

FUTEBOL — O nosso onze continua em descanso; já começaram, porém, a aparecer cartas de pedidos a marcar os encontros de futebol, o que é razoável para desenferujar as pernas dos nossos futebolistas. Continuaremos à espera dos vossos pedidos e brevemente serão realizados por uma ordem estabelecida.

SALÁRIOS — Na última reunião efectuada pelos mais velhos, foi resolvido o aumento dos salários em curso — rapazes e casados. Ainda hem que nos atenderam a tão discutido problema. Não esperaríamos isto tão depressa resolvido. Lá diz o ditado: «querer é poder».

Henrique Ribeiro Fernandes

A venda do Jornal no Norte do País

PORTO

A venda do jornal no Porto tem subido muito, em relação aos anos anteriores. Agora, vão para a Cidade Invicta 6.100 exemplares. E são vendidos razoavelmente.

Os meus colegas já começaram a bater as praias de Matosinhos, Foz do Douro e Leça da Palmeira, etc. Vale a pena ir até lá.

Todos os anos há problemas com a malta, nesta altura. Dores de barriga... Vai-se a ver e são gelados. Esperamos que, este ano, não aconteça como nos outros. É preferível tomar um copo de leite, mesmo fresco, a um gelado.

ESPINHO

Como Espinho passou a ser cidade, os vendedores têm obrigação de aumentar a contagem. Celso e «Ganhão» são os responsáveis pela zona. Levam 150 jornais cada um. E pernoitam na residência dum Senhor muito amigo da nossa Obra.

VIANA DO CASTELO

O Maurício continua a levar só 100 jornais. Vende-os sempre. Mas a cidade de Viana do Castelo é muito grande...

GUIMARÃES

A venda em Guimarães está por conta do «Gato Félix». Não tem vendido lá muito bem. Não sabemos a razão. Não valerá muito a pena ir um colega para a terra de D. Afonso Henriques? A não ser que os vimeiranos resolvam atender melhor o «Gato Félix»... Na próxima quinzena a coisa deve ser melhor, com certeza.

AVEIRO

Na última crónica sobre Aveiro não falei em todos os sítios que percorro. E foi um caso sério! Esqueci, por exemplo, certos Bancos: Português do Atlântico, Borges & Irmão e outro cujo nome não me lembro. Os funcionários ficaram aborrecidos. Mas, agora, já sabem que foi por esquecimento.

No Banco Português do Atlântico são muito meus amigos. E chegam a ser bastante curiosos. Gostam de saber tudo que so passa comigo! Vendo lá bem. É o que interessa.

PÓVOA DE VARZIM

«Salazar» é o vendedor. *Manda chuva na Póvoa!* Agora, coitado, sente uma certa dificuldade, porque um grupo de colegas da nossa colónia de Azurara corre a cidade de ponta a ponta... Mas o nosso amigo «Salazar», ainda assim, vende a parto que lhe toca.

BRAGA

Quem vai para Braga é o «Timpanas». Ele nunca deixou ficar mal a cidade de que tanto gosta. E vende muito bem. Leva 200 exemplares para sábado e domingo. Praticamente nunca traz sobras.

«Eusébio»

Agora, tem a palavra o «Grilos», vendedor em Amarante:

AMARANTE

Caros amigos leitores: É a primeira vez que escrevo para o nosso famoso jornal. Como já sabem, com certeza, saio ao sábado com 120 jornais e regresso no domingo, à tarde, com eles todos vendidos.

Eu já fui vendedor de diversas terras: Póvoa de Varzim, Porto e agora na Princesa do Tâmega.

Quando fui substituir o «Papagaio» fiquei muito contente porque era mais uma terra que ia conhecer. Mas os Amarantinos só me deixam ficar mal é com a venda do jornal.





VISTAS DE DENTRO

Cont. da PRIMEIRA Página

— «Sim senhor! Não me ligaram nenhuma!»

Esta é a nossa maneira de ligar: porta aberta, verdade à vista!

Só não nos conhece quem não quer: com os nossos defeitos; com as nossas virtudes.

x x x

Mas fazem-nos bem e revigoram-nos estes testemunhos de pessoas criteriosas que vêm de fora vistas de dentro que nós, de dentro, não podemos ver igualmente.

Se «ninguém é grande para o seu criado de quarto» — como há-de sê-lo alguém para si mesmo?! Depois: o dia-a-dia repetido; o esforço sem pausa; o cansaço resultante — quantas vezes enevoam a nossa própria visão!

Ora nós queremos ver a verdade tal qual: nem a ilusão de virtudes sem defeitos; nem o pessimismo de defeitos sem virtudes. Por isso, fazem-nos bem estes testemunhos, quando quem os faz é criterioso e sincero.

Ouçam esta voz:

«Há oito dias, mais ou menos por esta hora, transpus os umbrais da Casa do Gaiato.

Já antes todo o conjunto de paisagem me havia encantado, mas a Aldeia deixou-me maravilhada. Pela localização, pela amenidade da alameda que dá acesso aos edifícios grandes, pela construção, pelo asseio — tudo o que os olhos podiam ver, encan-

taram-me com o que viram. Dessa primeira olhada ficou-me só a beleza da paisagem natural; da paisagem humana ainda nada tinha visto e, aliás, pouco vi pois o tempo foi demasiado escasso.

E no entanto, os dois dias que aí passei fizeram-me um bem extraordinário. Respirei calma e confiança e aquela alegria que faz rir as crianças.

Nós, aqui, mais tarde ou mais cedo, voluntária ou involuntariamente, somos agarrados por toda uma engrenagem preparada para nos triturar, senão física, pelo menos espiritualmente. Queremos fazer coisas, queremos sentir-nos gente, queremos afirmar-nos e encontrarmo-nos dentro de nós, e acaba por nos invadir um desânimo ou uma covardia aliamente contagiosa.

Não tive tempo de conhecer pessoas. As que encontrei eram já amigas do Joaquim e, por ele, foram simpáticas comigo. Mas penso que em coisas muito pequenas, muito humildes, se podem encontrar os traços de um povo. Penso que não é por mero acaso que as estradas estão floridas com vegetação vinda de dentro de jardins particulares; que não é por acaso que numa tarde inteira passada no Porto não ouvi uma única buzina, ou que, sem sinalização, atravessai avenidas e praças com a segurança de saber que a vida dos outros é algo que aí se respeita.

AZURARA

O segundo turno foi para férias na bonita praia de Azurara e já veio. De lá trouxemos muitas saudades, já se vê, mas enfim, isto passa e por outra temos de ceder o lugar aos outros nossos rapazes que ainda não tiveram este repouso.

Neste turno correu tudo mais ou menos bem, pois não houve problemas de maior. Apenas é preciso ter muita calma e paciência para aguentar com os problemas inerentes aos mais pequeninos, o que às vezes se torna difícil. Mas com bastante jeito e boa vontade tudo se resolveu da melhor maneira.

Quero deixar aqui assente os meus respeitosos e saudosos cumprimentos, às pessoas que nos ajudaram a ter umas férias mais proveitosas e felizes. Obrigados, pois, a todos vós.

E pronto, tudo isto foi um pouco do melhor que tivemos neste segundo turno. Despeço-me com um forte abraço aos nossos estimados leitores, desejando-lhes também umas boas férias.

«Grilo»

Manuel Amândio («Fidalgo»)

Serão pequenos pormenores, mas acho que revelam toda uma forma de ser e estar na vida. Tal como as casas construídas, não ao acaso, ao sabor da fantasia, mas de modo a preservar o tom natural do ambiente.

Caíria num lugar-comum dizendo-lhe que não esperava encontrar o Norte assim com aquela beleza que vem de dentro para fora. Mas até não esperava.

Como não esperava sentir-me bem na comunidade gaiata; como não esperava ter pena de regressar a Lisboa.

As palavras de agradecimento custam-me sempre a pronunciar; andam tão falsificadas! Mas aqui vai o meu Muito Obrigada, para toda a comunidade, do «Pote d'Água» ao Meno, de todos os de quem não cheguei a saber o nome aos poucos de quem o aprendi.»

x x x

Aconteceu há dias um desastre singular.

Era domingo. Visitantes teimaram e deram 10 tostões ao «Caneco», que disse não querer aceitar, mas aceitou. Outros viram. De brincadeira fizeram por tirar-lhos. «Caneco» não achou esconderijo mais seguro do que meter na boca a moeda. Pois descuidou-se e engoliu-a.

Não lhe doeu, nem se queixava, se outros o não fizessem por ele. Houve de levá-lo ao Hospital, onde foi radiografado e donde trouxe a receita de aguardar uns dias a ver se a moeda saía por vias naturais.

Põe-se «Caneco» a defecar num bacio. Vai-se-lhe perguntando se se sente bem. Ótimo e contente é que ele andava. Só a moeda é que não mais aparecia. Foi «Fidalgo», o nosso enfermeiro, quem a encontrou oito dias depois na retrete onde «Caneco» despejava o bacio.

— Mas então tu não sentiste a moeda ao «fazê-la»?

— Não!

E «Caneco», que é homem de poucas falas, passou imperturbável por este transe e ficou todo contente com a sua celebridade de homem-mealheiro!

x x x

«Ovinhas» é clássico nos «tribunais» de ninhos, mal chega a época deles.

Pois, apesar de todas as proibições, mesmo a da benevolência de proteger avezinhas caídas dos ninhos — desculpa

que «dava pano para muitas mangas» — «Ovinhas», por causa de pássaros, foi-se a uma macieira e não quis saber de desgraças: botou ao chão maçãs, ainda por fazer, que deram para encher um cesto fazendeiro.

Pois comeu do que estragou: Enquanto duraram, as suas refeições foram feitas de maçãs cosidas e em puré.

Esperamos que lhe fique de emenda!

x x x

Ainda a propósito de ninhos e de um outro «tribunal» feito o ano passado, vejamos a carta que se segue:

«Receio que ache pueril o assunto desta carta e deploro os minutos que perderá a lê-la.

Tenho hesitado várias vezes! Faço-o, porém, por imperativo de uma mágoa que me ficou da leitura de um pequeno episódio inserto no n.º 739 de 8 de Julho do ano findo, no «Gaiato».

Já passou quase um ano! Mas não esqueceu!

No artigo «Vistas de dentro» cujo relato de pequenos episódios domésticos me enternecem e fazem sorrir muitas vezes, descreve, no final, a queda de um telhado, de um dos vossos rapazes que foi roubar um ninho.

Já não é primeira vez — embora poucas — que aludem a factos semelhantes!

É para mim motivo de angústia, o reviver de um caso idêntico a que assisti quando criança, impotente para o evitar.

Vi os pais dos passarinhos, loucos de dor, a quererem defender os seus filhinhos impotentes na sua pequenez perante o garoto que lhos roubou que, apesar de pequeno, lhes devia parecer um hediondo gigante!

Vi-os, depois, piando dolorosamente, no galho de uma árvore, chorando a irremediável perda dos seus «meninos».

Chorei perante aquele pequeno drama a que não pudera valer e ainda hoje sinto uma angústia enorme quando sei de casos semelhantes.

Para mim sempre foi — desde criança — um ninho de passarinhos um «lar», sagrado pelo

amor, pelo verdadeiro amor como é construído e cuidado. Desde sempre, nunca pude ver passarinhos engaiolados pelo egoísmo de pessoas sem coração, quando Deus lhes deu duas azinhas para voarem pelo espaço infinito e os condenam — sem culpa — a «prisão perpétua»!

Pergunto a mim mesma:

Não será, também, uma página do Evangelho, proteger e defender todos os seres pequeninos que Deus criou com tanto amor, quer sejam crianças ou passarinhos?

Estamos em plena época dos ninhos!...

Não seria possível mentalizar os vossos rapazes, para que eles por sua vez ensinem a outros e aos próprios filhos, que não se deve fazer a crueldade de destruir um ninho?

Longe de mim a menor ideia de uma censura — Deus o sabe — e ainda menos a estulta pretensão de vos querer ensinar o que devem fazer!

Mas, por saber que o vosso jardo que aceitaram por enorme amor a Deus, é demasiado pesado, pensei lembrar que pudessem, mesmo assim, falar com frequência no assunto, aos vossos «Gaiatos»!

Devo parecer-lhe uma pessoa demasiado «piegas» e, talvez, ridícula!

Mas agradeço a Deus, de todo o meu coração, de me fazer sentir a dor de tudo quanto Ele criou e sofreu, quer sejam seres humanos, aves ou animais.»

E vejamos a ternura, a comunhão, que toda ela representa!

Pois foi lida em comunidade e deu matéria de doutrina!

Obrigado sou eu a quem me proporcionou!

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE



O «Património dos Pobres» da edição de 26 de Maio último serve às mil maravilhas para melhor ilustrar quanto aqui, nos propomos dizer. Tal como o daquele, o teor deste é ainda, e uma vez mais, o grave problema da habitação em Portugal, e os naturais riscos e deficiências que ele provoca. É um problema que tem sido demasiadamente debatido e que diariamente vai encabeçando colunas e colunas de jornais e revistas. E, no entanto, não obstante tantos apelos, os homens parece não quererem ouvir nem entender.

Todo o homem, como ser racional e pensante e até como animal que é, tem o direito natural de possuir uma família e um lar para a albergar. E se ele não pode por si próprio atingir esses condimentos necessários à sua realização e felicidade, então é dever dos outros homens ajudarem-no a atingi-los. Um lar e uma família são coisas sem as quais um homem jamais se poderá realizar.

Vamos a «Nova Sintra», mais uma vez — esse bairro miserável, despido da mais íntima parcela de estrutura humana. Dissemos em artigo anterior, e até em outros, de quanto tem sido enorme o esforço realizado a bem dessa gente que enxameia essa coisa a que se designou dar o pomposo nome de «Bairro». Bairro, não. Nem de «sangue azul» nem de «sangue vermelho». Antes uma escória de seres humanos que se vão transformando em escória ainda maior. Ali não há casas, nem famílias, nem lares. Há insuficiência de quem lhes deita a mão. Isso há. É tão fácil bater no peito e dizer: «Sou culpado!». Tão fácil estar comodamente instalado em gabinetes de ar condicionado e música sintonizada. Tão fácil! A continuar tão «belas ajudas», por quantos anos lá continuará essa «Nova Sintra»? Não sabemos. As pessoas não querem ir lá. Preferem um dia de campo ou de praia. E, entretanto, essa gente continua, ainda em condições deprimentes maiores.

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

testemunha de acusação que se levanta. Ela tem maior força que todos os poderes de todas as nações. Porquê? Porque destrói esse poder. O verdadeiro poder do homem ou das nações manifesta-se amparando os fracos, os humildes, os que não podem defender-se e são injustamente atacados».

Padre José Maria



SETUBAL

O que será a educação e instrução dos seus filhos amanhã? Pior ainda que a dos seus pais hoje, certamente. Não é com abarracados nem com casas pré-fabricadas, sem quaisquer condições de sanidade, que se resolvem os problemas. É preciso, a par das satisfações materiais, matar a fome de espírito: Instruir, educar, cultivar, formar consciências para que se adaptem a condições novas de vida. Eles anseiam, mas não sabem qual o caminho que devem seguir. É preciso ir lá e, ao sol e à chuva, resolver os problemas. Tudo exige esforço, suor e canseira.

«Nova Sintra» continua lá. Pensamos que por muitos e bons

anos ainda. Se em tempos existiu uma «Monarquina» e hoje não damos fé da existência dela, não nos iludamos. Ela não foi suprimida. Desapareceram apenas o nome e o lugar. As pessoas que lá viviam mudaram de país e continuaram a viver nas mesmas circunstâncias em outros agregados «que não deviam ver-se». As gerações rolaram umas sobre as outras. Desapareceram os nomes e os lugares estão semeados de prédios e belas vivendas. Mas o vírus da miséria continua com essa gente que foi obrigada a «levantar tenda». Não nos iludamos. As «vistas grossas» já começam a cansar. Vê-se muita indiferença e muito passar tempo sobre estas questões que deviam ser já reminiscências.

Quão grande tem sido o esforço de meia dúzia de contrutores de vida nova em «Nova Sintra»! Quão grande é o trabalho para tão poucos cireneus! Mas este trabalho, senhores, é duro, muito duro, e as pessoas

preferem esquecê-lo. Vivemos num terrível pecado, talvez muito maior e mais grave do que todos aqueles que diante de Deus e do Padre confessamos: o pecado da omissão. Lembremos muito os nossos direitos. Mas esquecemos tão facilmente os nossos deveres. Andamos esquecidos!

As «Novas Sintras» de ontem poderiam evoluir. As de hoje poderão evoluir também. Em «Nova Sintra» levantou-se um conjunto de casas de madeira com telhas ou placas de lusalite. Por abrigo, apenas o céu, visto por entre escassos sacos de plástico. As pessoas adaptadas a esta condição, não se sentiram no seu «meio-ambiente» ao tomarem posse duma casa já com um certo número de condições. Bastaram alguns meses, somente, para que as vendessem a outros. «Levantaram tenda» e foram para outro lugar, com os lucros auferidos da venda. Para onde, ninguém sabe. Jamais foram vistas. Tal-

vez um outro muro ou as costas dum outro tugúrio sejam hoje as suas moradas. São da rua e os seus hábitos ligam-nos à rua. Não é dum dia para o outro que esquecem a influência da rua. Uma vida inteira não pode ser suprimida nem transformada numa semana. Adquiriram-se hábitos que só com tempo e com um trabalho moroso e cuidado poderão vir a ser banidos, senão totalmente, pelo menos a uma escala que lhes permita viverem como pessoas civilizadas. Saíram os olhos fora das órbitas, abriram-se as bocas de espanto, ante uma tal atitude. Serão essas famílias as verdadeiras culpadas? Serão os benfeitores os culpados? Não. Nem uns nem outros. Aqueles porque agiram por uma soma de hábitos. Estes porque não podem humanamente abarcar uma obra que tem de ser feita por muitos. E eles são tão poucos!!!

Dar casa, sim, é uma coisa necessária, como o pão que se come em cada dia. Mas antes disso, é necessário preparar quem nela vai morar. E isto não pode nem deve ser fruto do trabalho de 8 ou 10 indivíduos somente. Terão de ser muitos, muitos, muitos... É acordar, senhores!

Rogério

Doutrina

Cont. da PRIMEIRA página

tribuir com alguma coisa para a vossa Obra».

Diz-nos o Evangelho: Lembrou-no-lo ainda domingo passado ao apresentar-nos um dos milagres de multiplicação dos pães.

Não é o milagre que, por definição, é um facto extraordinário. É a regra exposta e oferecida à experiência dos homens de todos os tempos de que a partilha é causa de suficiência. O milagre foi para chamar a atenção para a regra. O Senhor não exige de nós que alimentemos cinco mil homens com cinco pães de cevada e dois peixes. O que Ele exige, e exemplificou, é que olhemos em volta de nós e nos preocupemos os homens com fome; e perguntemos; e nos perguntemos: — «Onde havemos de comprar pão para eles comerem?».

Esta pergunta nunca surgirá ao homem que vive na obcessão de que não chegue para si o pouco que há. Surge sim, àquele que tem no seu coração o gosto de dividir e na sua mente a certeza de que só o pão partilhado não tem sabor amargo nem produz indigestão.

Diz-nos o Evangelho: «naquele tempo» e sempre — que Jesus está no meio de nós; passa fazendo o bem e fazendo discípulos. Marca essencial dos Seus discípulos é a alegria no repartir.

A partilha é condição de fraternidade. É realização concreta e eficaz do amor aos homens — que lho devemos com exigência semelhante à do amor a Deus.

O homem que reparte é um semeador de suficiência. Nunca lhe fará falta o que dá; e o pouco que possa dar leva, em sua dedicação, a virtude de bastar.

Bendito seja Deus porque nos enche de experiências assim vividas, que transformam esta doutrina em ciência!

Começa hoje a nossa presença por mais uma presença de um casal feliz e seus três filhos. Este casal aparece de vez em quando. Sempre feliz com seus filhos. Sempre com ofertas de Sacrifício. Sempre atento às nossas aflições. A felicidade neste mundo está na intensidade de amor com que se ama. A felicidade da família está no amor sacrificado que a une, amor que tem de transbordar em serviço dos outros.

Outro casal novo aproxima-se do altar e entrega sua pequenina oferta: é da nossa pobreza; em vez de carne come-se peixe; assim somos todos mais irmãos. Fiquei a olhá-los. Passou-me pela alma o mundo de banquetes que ultrajam os que passam fome! Passou-me pela alma a lembrança das mesas fartas a insultar os que não têm mesa!

Pequenas lembranças por alma de Armindo; o resto da conta que Senhora amiga tinha no banco; 850 de amigos que tiraram vindo pelo Natal; sapatos de sapataria vizinha; as cartas de C. A. Cem, mais quinhentos, mais quinhentos de Aveiro; cem de Minde; mil e vinte na visita a doente; cem da Lousã; várias presenças do Entroncamento.

Quinhentos em vale; as cartas sempre muito amigas do Luso; quinhentos em vale de Lisboa; os vales mensais de Vilar Formoso; seiscentos ao vendedor da Figueira da Foz; cem por almas queridas; as cotas mensais; roupas de Tortosendo; caixote da Marinha Grande; Engenheiro de Espinho com sua família e mil; Senhora com quinhentos e família com 250; amigos de Pombal com roupas e dois relógios e mais não sei o quê; as ofertas muito discretas de sacerdote; cem, mais cem, mais quinhentos



numa igreja; vinte na rua; cem mais cem levados ao Lar; duzentos de funcionário de Tortosendo.

Cinquenta e mais lembranças de Tomar. O Benjamim vem de lá sempre carregado; quinhentos que uma jovem foi levar ao Lar; noventa; duzentos de anónima de Miranda; cem em vale, da Tocha; mil da Covilhã; mais da Covilhã a filha que todos os meses lembra a mãe; cinquenta da Nazaré; as cotas mensais de Almalaguês; todas as cartas e embrulhos e recados deixados na Casa do Castelo, mais a amizade do seu pessoal; as velhas amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel já associaram a amiguinha Mimi. Que presença sempre tão cheia de simpatia! Cem, mais cinquenta, mais as mãos que se me estendem na rua; trezentos de médico de Mação; todos aqueles que vão ao nosso Lar e entregam à mão ou deixam na caixa do correio que está à porta; 300 de visitantes; duzentos da Figueira; uma senhora que nos quis pagar uma fritadeira grande, pois somos uma família grande.

Vinte de avó; dois mil em cheque; cem de quem não foi a Santa Cruz e mil de quem lá foi; a Amiguinha de Pereira; mãos que se abrem nas minhas, na ultreia; cem em viagem; quinhentos de Santiago de Riba Ul; quinhentos por um senhor Cónego; trezentos em cheque

de Leiria; cem mais cinquenta, mais cinquenta aos vendedores; 510 em vale de Espinhal; mil da primeira renda de casa de visinho sempre amigo; roupas de Vila Nova de Ourém; quinhentos no aniversário, que sempre celebramos com alegria e gratidão; cinquenta em carta da Guarda; três mil de casal jovem que todos os anos nos lembra; quinhentos de quem os recebeu e veio logo entregá-los; as visitas anuais dos romeiros da Figueira; mil em vale de sacerdote; algumas presenças de amigos que não puderam ir às nossas festas; mil em cheque de Assafarge; cem de Vila de Rei.

Cinquenta no aniversário de quem muito nos amou; são só 50 de Lisboa; quinhentos de boa amiga de Leiria, na reunião de curso do Marido médico; a visita muito familiar da Catequese de S. Bartolomeu; cem de militar; duzentos no aniversário de ente querido de Isabel; quinhentos no próprio estabelecimento; 250\$ da Auto-Industrial; cinco mil entregues ao pároco de Santa Cruz; presenças na Praia de Mira; todos os gestos de amizade dos que nos visitam; quinhentos de amiga de Coimbra entregues por Paço de Sousa; cem pela filha que passou para a Universidade; uma casa em Santa Cruz e e sempre muita alegria no dar.

Padre Horácio